



## Meu Tipo Inesquecível

*Edwin Muller*

**F**OI MUITO a propósito que meu primeiro encontro com Otto Furrer ocorresse quase no mesmo instante em que avistei pela primeira vez o Matterhorn, o majestoso pico que fazia parte de sua vida. Em sua cidade natal de Zermatt, na Suíça, êle era conhecido como "Matterhorn Furrer", e provavelmente já havia escalado a montanha muito mais vêzes que qual-

quer outro homem. Dizia-se que êle sabia de cor todos os pontos de apoio de mãos e de pés existentes na escalada. Apesar disso, encarava a montanha como um adversário respeitável, um adversário ao qual amava. Na última batalha entre os dois, a montanha venceu.

No verão de 1928 fiz uma excursão de uma semana pelos Alpes. Meu objetivo era o famoso centro alpi-

nista de Zermatt, onde esperava subir um pouco acima dos terraços inferiores da grande montanha. Em um fim de tarde, com a mochila às costas, cheguei a Nikolaital—o vale onde fica Zermatt. Passei a noite em St. Niklaus e na manhã seguinte tomei o trem de cremalheira para Zermatt.

Durante mais de uma hora o trem subiu o longo e sinuoso vale, entre escarpas cobertas de pinheiros, acompanhando um pequeno rio encachoeirado. De repente as escarpas se afastaram . . . e lá estava o Matterhorn. Por mais conhecida que seja sua forma, não se pode evitar o sobressalto ao vê-lo pela primeira vez. Há algo de aterrador naqueles penhascos salientes, nos alcantis das partes superiores. Fica-se pensando em quantas vidas já ali se perderam.

Na plataforma da estação de Zermatt avistei um grupo de guias—homens bronzeados, vigorosos, carregando picaretas e cordas enroladas. Um deles chamou minha atenção e cumprimentou com um movimento de cabeça. Examinei-o detalhadamente. Era um homem esguio, de longas pernas, com mais de 1,90 m de altura. Não tenho idéia de ter visto ombros mais largos do que os seus. Meus olhos se fixaram na sua pessoa, depois na montanha e nêlo novamente. Respondeu-me com um sorriso:

—Vamos escalá-la, não?

Sua voz fêz-me gostar dêle imediatamente. Apresentou-se:

—Otto Furrer.

Pôs sem esforço minha bagagem ao ombro e seguimos pela rua principal em direção ao meu hotel, o Monte Rosa. Eu sabia que aí se tinham planejado muitas das mais famosas escaladas, inclusive a inesquecível primeira conquista do Matterhorn, em 1865. Os quatro ingleses que alcançaram o cume decidiram, nesse hotel, o caminho a seguir. Três dêles nunca voltaram.

Antes de Otto e eu iniciarmos a subida na manhã seguinte, êle me levou a fazer compras. Num sapateiro êle mandou pôr pregos adicionais em meus sapatos de alpinista, depois orientou a aquisição de uma picareta, com minhas iniciais gravadas no ferro. Experimentei enorme satisfação caminhando pelas ruas com a minha picareta ao braço, ao jeito que Otto levava a dêle.

Pelas 11 horas tomamos o caminho relvado que leva à base do pico; esta base é uma elevação situada 1.675 metros acima de Zermatt. Foi uma longa e dura caminhada. Comecei muito depressa, mas Otto me fêz entrar no *ploc-ploc* regular do passo dos alpinistas. Ziguezagueamos através de campos de feno, passamos por aldeias pitorescas com seus chalés de larício enegrecido. E o cume do Matterhorn avultava sempre lá em cima, com um farrapo de nuvem esvoaçando sôbre êle.

—Está fumando o cachimbo—disse Otto, olhando carinhosamente para a montanha.—Amanhã cedo estaremos lá.

Vibrei de alvoroço.

Ao cair da noite alcançamos o Belvédère, um pequeno hotel dominado pelo enorme obelisco negro do pico, outros 1.200 metros acima. Em virtude do excelente tempo para a prática do alpinismo, o hotel estava repleto. Os guias se agrupavam em volta do fogareiro, planejando em seu dialeto gutural a seqüência com que os grupos deveriam partir na manhã seguinte. Chamou minha atenção a deferência que os outros guias dispensavam a Otto.

Era uma noite extremamente fria. Recolhi-me ao leito sem tirar a roupa. Várias vezes me levantei para contemplar o grande pico banhado em luar. Visto assim, seus precipícios eram ainda mais aterradores do que de dia. Encontrei-me quase desejando que o tempo mudasse, impossibilitando o início da escalada. Ouvira grandes alpinistas dizerem que jamais conseguiram dominar o sentimento que acompanha as horas de escuridão antes da alvorada.

Otto bateu à minha porta às três da madrugada. O desjejum resumiu-se em um apressado café com pão prêto grosseiro. Otto amarrou-me a êle; logo depois enfrentou a encosta abrupta. Eu seguia atrás, penosamente lento.

—Venha!—chamou Otto.—Esta não é muito escarpada.

Para mim era tão íngreme como se estivesse na vertical. Com grande esforço fui puxando o corpo para cima, agarrado aos sucessivos pontos de apoio das mãos.

—Não, assim não!—recomendou

Otto lá de cima.—Faça como eu.

Êle parecia flutuar na encosta a pique. Deslocava-se principalmente com auxílio dos pontos de apoio dos pés, utilizando muito pouco as mãos e mantendo-se bem afastado da face da rocha. Esta é a “subida em balanço”, que constitui a essência do alpinismo moderno.

Comecei a comportar-me melhor, mas de vez em quando a inclinação parecia demasiado vertical para ser vencida. Então, envergonhado, eu gritava:

—Puxe!

Otto sorria sarcásticamente e me suspendia com um vigoroso puxão.

Algumas vezes, agarrado com unhas e dentes à face lisa de uma rocha vertical abaixo dêle, eu me sentia sem coragem para o movimento seguinte.

—Um metro à sua direita—avisava Otto, sem sequer olhar para baixo.

Eu tateava em busca do apoio e lá estava êle.

Quatro horas mais tarde estávamos quase no tôpo.

O cume era uma estreita faixa 4.482 metros acima do nível do mar. A última parte da subida é relativamente fácil. Quando chegávamos ao tôpo Otto afastou-se para me deixar chegar primeiro. Quando alcancei o cume, triunfante, êle me apertou a mão e entoou o seu *iôdel*.\* Eu tinha escalado o Matterhorn!

\* N. da R.: A palavra *jodeln* é de origem alemã, intraduzível. Adotamos a forma fonética em português.

Antes de começarmos a descida, Otto fêz-me sinal para segui-lo até a um local que parecia a beira de um precipício, na vertente que dava para o vale de Valtournanche, na Itália. Meus olhos acompanharam o olhar extasiado de Otto, mas tive de desviá-los. Aos nossos pés a rocha parecia descer absolutamente a pique. As primeiras coisas que nossos olhos viram foram os verdes campos do vale italiano, pontilhado de casinhas de bonecas. Certamente ninguém poderia subir ou descer por tal precipício. Todavia, a meus pés, uma corda fôra prêsa à rocha pelos guias italianos. Ela alcançava a extremidade do cume e caía para o vazio.

—Há gente que desce por esta corda—disse Otto.

Era a famosa travessia para a Itália, uma descida que já ocasionara muitas vítimas.

Otto meneou a cabeça:

—Não gosto desta corda.

Talvez êle tivesse algum pressentimento do que iria acontecer.

Afastamo-nos e demos início à descida da encosta na direção de Zermatt. No fim da tarde passamos pelo Belvédère. Ao chegarmos ao Monte Rosa, Otto deu-me um apêto de mão em despedida; havia um lampejo em seus olhos:

—Pode ser que um dia o senhor ainda venha a ser um alpinista, *Mein Herr!*

Nos anos que se seguiram Otto me serviu de guia na escalada de muitos dos grandes picos que ro-

deiam Zermatt, inclusive o Zinalrothorn, que rivaliza com o Matterhorn, com suas encostas escarpadas e seu cume espetacular. Otto era, por natureza, um homem silencioso, quase taciturno. Algumas vezes, porém, consegui fazê-lo falar um pouco de si mesmo. Um dia em que lanchávamos perto do tópo do Zinalrothorn, êle se referiu com orgulho ao pai, que fôra um grande guia-chefe da região de Zermatt. Falou também de sua mulher, bem como de seus quatro filhos, aos quais já estava ministrando as primeiras lições da arte do alpinismo. Conheci-os—uma família de faces rosadas, que vivia calmamente em Zermatt. Otto era católico e mais de uma vez tive de transferir uma escalada porque êle insistira em ir à missa.

A recordação mais viva que guardo de Otto é o seu dom de transmitir aos outros o amor que êle devotava às grandes alturas. Um bom guia sempre se preocupa com o conforto de seus clientes. Nas atenções de Otto sentia-se algo mais que o espírito profissional. Cuidava dos clientes porque êles participavam de seu amor ao alpinismo, porque podia repartir com êles seus conhecimentos das montanhas. Tornava-se amigo dêles. Não fui só eu que tive esta impressão. Em Londres, em Nova York, onde quer que adeptos do alpinismo se encontrassem, um a transmitia a outro, e muitos visitantes chegavam a Zermatt resolvidos a contratar Otto Furrer para as suas férias de alpinismo.

Eu mesmo lhe apresentei vários clientes. Um deles foi Alice Kiaer, com bastante experiência em escaladas. Ela era uma esquiadora de primeira classe, tendo dirigido por duas vezes a equipe olímpica feminina dos Estados Unidos. Em um inverno Alice persuadiu Otto—que gostava de esquiar—a acompanhá-la até St. Anton, o famoso centro australiano de prática desse esporte, no Passo de Arlberg. Aí ela o apresentou a Hannes Schneider, talvez o melhor professor de esqui do mundo. Otto aprendeu rapidamente a técnica de Arlberg e não tardou a incluir seu nome na lista dos mais notáveis esquiadores da época. Em 1932, em Cortina d'Ampezzo, êle ganhou o campeonato mundial, numa competição de descida em zig-zague. Prosseguiu vencendo em Kandahar, em Parsenn e nas grandes corridas da Suíça. Quando mais velho, Otto dirigiu a escola de esqui em Zermatt e, graças aos conhecimentos que êle transmitiu, muitos de seus alunos se tornaram grandes esquiadores.

O alpinismo, porém, continuou sendo a fôrça motriz de sua vida, e depois de sua carreira como esquiador retomou o trabalho de guia. Seu último cliente foi a Sr.<sup>a</sup> Hilda Erlanger, de Nova York. Em 1951 ambos passaram quase todo o mês de julho escalando picos em tórno de Zermatt. A 26 desse mês subiram o Matterhorn pelo mesmo itinerário que Otto percorrera comigo. Êle propôs então descerem pelo lado

italiano. A Sr.<sup>a</sup> Erlanger aceitou com entusiasmo.

O dia se apresentava perfeito. Não havia uma nuvem toldando o panorama que se descortinava lá de cima. A Sr.<sup>a</sup> Erlanger foi a primeira a descer pela corda que Otto me havia mostrado quando lá estivemos. Êle sentou-se à beira do precipício, soltando aos poucos, cuidadosamente, a corda que o ligava à sua cliente, enquanto esta se deixava escorregar, ao longo da outra corda, até uma plataforma. A seguir, Otto debruçou-se na beira e iniciou a descida.

E então aconteceu o desastre. A corda rompeu-se logo acima d'êle. Otto caiu 80 metros, batendo duas vezes na face da encosta. Amarrada ao corpo que tombava, a Sr.<sup>a</sup> Erlanger foi arrancada de seu apoio e caiu 15 metros, sendo salva de morte certa quando a corda se enroscou numa ponta de rocha, mantendo seu corpo e o de Otto suspensos sôbre um precipício de 600 metros.

Otto fraturou o crânio e morreu em poucos minutos. A Sr.<sup>a</sup> Erlanger ficou gravemente ferida e perdeu os sentidos. Outros alpinistas que presenciaram o acidente pensaram que ambos estivessem mortos. Desceram e deram parte da tragédia. Um grupo de guias italianos chegou ao local durante a noite, esperando transportar dois cadáveres. Ficaram espantados ouvindo os gritos da Sr.<sup>a</sup> Erlanger, que tinha voltado a si. Transportaram-na para Cervinia e ela se restabeleceu no devido tempo. O corpo de Otto, também levado para

a cidade italiana, foi transportado no dia seguinte para a fronteira suíça.

Durante todo aquêlo domingo e na manhã de segunda-feira o pequeno trem de cremalheira transportou amigos de Otto para Zermatt. O entêrro foi adiado por vários horas, porque o trem não tinha capacidade para atender a todos os que desejavam comparecer. Otto foi levado por outros guias para o cemitério de Zermatt, onde jazem muitos dos que morreram no Matterhorn. Atrás do esquife, a procissão fúnebre se de-

senrolou—delegações das sociedades de guias e dos clubes de esquiadores, autoridades governamentais, antigos clientes e tôda a população de Zermatt. Foi um dos mais impressionantes enterros que a vila já presenciara.

À beira do túmulo, Sir Arnold Lunn, conhecido alpinista, pronunciou um pequeno necrológio.

Quem chegar junto daquele túmulo ficará coberto pela sombra do Matterhorn. Em seu repouso eterno, Otto pode ver, lá em cima, o grande pico que êle tanto amou.



### Como é Mesmo?

FUNCIONÁRIO do setor de pessoal explicando por que não tinha conseguido preencher uma vaga na firma:—Você compreende, nós não vamos aceitar qualquer um. Êste lugar exige uma pessoa que valha duas vêzes o que pagamos. —Paul Speegle, em *News-Call Bulletin* de São Francisco

“MINHA mãe sempre se levantava às cinco horas, fôsse qual fôsse a hora.” —Sam Levenson

VIAJANTE bem informado:—Na América do Sul todos os índios caminham em fila indiana. Pelo menos o que eu vi caminhava. —C. E. B.

VELHINHA a outra, depois de terem ouvido uma palestra de Lowell Thomas sôbre suas aventuras em terras distantes:—Reconheço que as histórias dêle são inacreditáveis, mas assim mesmo ainda não acredito! —H. C.

LEMA do mês da Associação Vamos Ter Melhores Lemas: “Eu disse talvez—e está encerrado o assunto.” —UPI

ESPÔSA ao marido:—Se você gostasse mesmo de mim, teria casado com outra. —Bob Goddard, em *Globe-Democrat* de S. Luís

O DIRETOR Mike Curtiz, de Hollywood, a atôres em ensaio:—Muito obrigado. Estava perfeito, *perfeito!* Agora vamos repetir mais uma vez, melhor. —Sidney Skolsky, em *Post* de Nova York